

## *Esfinge, um drama satírico de Ésquilo*

Wilson Alves Ribeiro Junior  
Universidade de São Paulo  
epwidos@my.com

**RESUMO:** *Esfinge*, drama satírico de Ésquilo representado em 467 a.C. depois de *Sete contra Tebas*, chegou até nossos dias em estado fragmentário. O objetivo do presente artigo é apresentar a tradução para o português brasileiro dos fragmentos remanescentes e uma reconstrução conjectural do drama, baseada no mito de Édipo e da esfinge, em cenas de vasos gregos e nos fragmentos.

**Palavras-chave:** *Esfinge*; Ésquilo; Édipo; drama satírico; fragmentos.

## *Sphinx, a satyr play by Aeschylus*

**ABSTRACT:** *Sphinx*, Aeschylus' satyr play performed in 467 BC after *Seven Against Thebes*, reached our days in fragmentary state. The aim of this paper is to present a Brazilian Portuguese translation of the remaining fragments and a conjectural reconstruction of the drama, based on Oedipus and the sphinx myth, Greek vases scenes, and the fragments.

117

---

**Keywords:** *Sphinx*; Aeschylus; Oedipus; satyr play; fragments.

## Introdução<sup>1</sup>

O drama satírico *Esfinge*, de Ésquilo, é a quarta peça da tetralogia que venceu o concurso trágico das Dionísias Urbanas de 467 a.C.; precederam-no três tragédias, *Laio*, *Édipo* e *Sete contra Tebas*, apresentadas em sequência. Os quatro dramas são parte de uma das tetralogias “interligadas” de Ésquilo, pois abordam diferentes episódios do mesmo mito, o dos labdácidas<sup>2</sup>; *Sete contra Tebas* sobreviveu (quase) na íntegra, enquanto os demais precisam ser reconstituídos a partir dos títulos, dos fragmentos, de alguns versos do *Sete contra Tebas* (cf. 741-57 e 779-90) e do mito que os inspirou (SIMON, 1981, p. 8-10; COLLARD, 2004, p. 106; EDMUNDS, 2006, p. 36-7; GANTZ, 2007, p. 44-7; LUCAS DE DIOS, 2008, p. 407-10 e 498; SOMMERSTEIN, 2010, p. 84-9; TSANTSANOGLU, 2018). *Laio*<sup>3</sup> continha o oráculo que previu as consequências de Laio gerar filhos, a exposição de Édipo, a última viagem de Laio e sua morte; *Édipo*<sup>4</sup>, uma versão dos eventos descritos por Sófocles no *Édipo Rei*, ou seja, a descoberta das circunstâncias da morte de Laio, o incesto e a derrocada de Édipo; *Sete contra Tebas*<sup>5</sup>, a luta pelo trono de Tebas e a morte de Etéocles e Polinices, filhos de Édipo. *Esfinge*, cuja reconstrução conjectural e tradução são o objeto do presente artigo, é a versão satírica do encontro entre a esfinge tebana e Édipo.

Para a reconstrução de *Esfinge*<sup>6</sup>, dispomos basicamente de duas cenas de vasos da mesma época do concurso, além de fragmentos mencionados por autores tardios. Os fragmentos são muito curtos e apenas três, citados por Ateneu

<sup>1</sup> Pesquisador do GP “Estudos sobre o Teatro Antigo”, FFLCH-USP / SBEC. Este artigo se baseia em trechos do tema livre *Breve panorama dos dramas satíricos fragmentários de Ésquilo*, apresentado em 07/12/2017 durante o XXI Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (São Paulo, 4 a 8 de dezembro de 2017). Todas as traduções são de minha autoria.

<sup>2</sup> Os principais personagens são Laio, filho de Lábdaco e bisneto de Cadmo; sua esposa Jocasta; seu filho Édipo; a esfinge; e os três filhos de Édipo, Etéocles, Polinices e Antígona. Em linhas gerais, a versão trágica do mito começa com Laio, rei de Tebas, que evitava filhos porque um oráculo revelara que iria morrer pelas mãos do próprio filho. Quando Édipo nasceu, Laio e Jocasta expuseram a criança, mas ela se salvou e foi criada, incógnita, em outro lugar. Na época em que Édipo se tornou adulto, a esfinge veio a Tebas e começou a devorar os tebanos que não eram capazes de decifrar o enigma. Antes ou depois da chegada do monstro, Laio saiu de Tebas, encontrou-se casualmente com Édipo e foi morto por ele durante uma alteração. O regente tebano ofereceu a coroa de Tebas e a mão da rainha viúva, Jocasta, a quem os livrasse da esfinge e Édipo conseguiu decifrar o enigma, vencer o monstro e receber o prêmio. Reinou sossegado durante anos, casado com a própria mãe e teve filhos, mas eventualmente tudo veio à tona e ele renunciou à coroa tebana. Édipo e Jocasta morreram logo depois — há várias versões — e os filhos de Édipo, Etéocles e Polinices, mataram-se mutuamente durante a disputa por Tebas. O destino de Antígona, que lutou pelo adequado sepultamento do irmão Polinices, varia de acordo com a versão do mito.

<sup>3</sup> Λάϊος: POxy 2256, fr. 1; F 121-122a; 387a? Ver TrGF 3 (p. 231-232 e 434), Sommerstein (2008, p. 124-5; 2010, p. 84-5), Lucas de Dios (2008, p. 399-411), Tsantsanoglou (2016, 2018).

<sup>4</sup> Οἰδίπους: F 387a? Ver TrGF 3 (p. 287-8 e 434), Sommerstein (2008, p. 175; 2010, p. 85-7), Lucas de Dios (2008, p. 493-505).

<sup>5</sup> Ἐπιτὰ ἐν Ἰθάκῃ. Edição utilizada: Hutchinson (1985).

<sup>6</sup> Dois poetas escreveram comédias com título igual ou semelhante: Epicarmo (F 127) e, supostamente, Êupolis (TrGF 3, p. 342).

(F 235), Aristófanes (F 236) e Hesíquio (F 237), são indubitavelmente parte do drama; três fragmentos incertos (F \*282, F \*\*451m 35, F \*\*451s 10) e o *adespotum* F 3c foram associados a *Esfinge* por estudiosos modernos, mas podem pertencer a outros dramas. Imagens de sátiros e da esfinge no primeiro vaso, Würzburg Z20 (Fig. 2, infra), são reconhecidamente representativas de uma das cenas de *Esfinge* (SIMON, 1981; GERMAR & KRUMEICH, 1999, p. 195; SOMMERSTEIN, 2008, p. 238-9; LUCAS DE DIOS, 2008, p. 382-3); e uma cena do segundo vaso, Vaticano 16541 (Fig. 3, infra), é compatível com o encontro entre Édipo e a esfinge no teatro ateniense (SIMON, 1981, p. 33)<sup>7</sup>. E é possível, ainda, que o célebre enigma da esfinge (Ateneu 10.456b) tenha sido declamado em alguma parte do drama. A reconstrução do enredo de *Esfinge* se apoia, conseqüentemente, na correlação entre vestígios textuais e iconográficos legados pela Antiguidade e elementos do mito já estabelecidos em 467 a.C.

## 1. O mito da esfinge tebana até a época de Ésquilo

A esfinge (gr. ἡ Σφίγξ)<sup>8</sup>, monstro feroz que se alimentava de carne humana e assolou Tebas, é importante personagem do mito dos labdácidas – talvez o mais antigo –, conhecido notadamente pelas tragédias conservadas de Ésquilo, Sófocles e Eurípides<sup>9</sup>. As evidências atuais demonstram que o mito é anterior aos poemas homéricos, assumiu forma canônica no final do Período Arcaico ou nas primeiras décadas do século V a.C. e se tornou popular a partir das tragédias *Édipo Rei*, de Sófocles, e *Fenícias*, de Eurípides, ambas posteriores a Ésquilo<sup>10</sup>.

Animal híbrido de origem oriental com corpo de leão e cabeça humana, a esfinge foi progressivamente incorporada ao imaginário grego durante a Idade do Bronze e a Idade das Trevas, através do contato entre os viajantes gregos e as antigas culturas orientais (CARPENTER, 1991, p. 167; CHILDS, 2003, p. 64). As esfinges egípcias datam de meados do III milênio a.C.; as siro-mesopotâmicas, do Levante e da Anatólia, dos primeiros séculos do II milênio a.C.; e as primeiras esfinges encontradas em território grego, da segunda metade do II milênio a.C.

---

<sup>7</sup> Há também um fragmento de cerâmica descoberto por Tiverios (2000), Atenas Acr. 1955 NAK 850, que mostra uma cabeça muito semelhante à dos sátiros de Würzburg Z20; seu valor como testemunho do drama satírico é, por isso, muito limitado.

<sup>8</sup> Ou Φίξ, no dialeto beócio (cf. Hesíodo, *Teogonia* 326); nos dicionários, o gênero é feminino. Para discussão sobre as possíveis origens do nome, ver Katz (2006).

<sup>9</sup> Outros personagens: Jocasta aparece no *Sete contra Tebas*, de Ésquilo e em *Fenícias*, de Eurípides; Édipo participa de *Fenícias*, *Édipo Rei* e *Édipo em Colono*, de Sófocles; Etéocles e Polínicos, de *Sete contra Tebas* e de *Fenícias*; Antígona, de *Antígona*, de Sófocles e de *Édipo em Colono*. O destino dos corpos dos *Sete* é tema de *Suplicantes*, de Eurípides. Os três poetas e outros tragediógrafos pouco conhecidos criaram tragédias baseadas no mito de Édipo, mas só as conhecemos por meio do título e de fragmentos pouco informativos. Para um panorama do mito nas tragédias conservadas, ver Hirata Garcia (1984).

<sup>10</sup> Ésquilo viveu entre 525 e 455 a.C., aproximadamente; *Édipo Rei* tem data incerta, situada por Finglass (2018, p. 1-5) entre 440 e 410 a.C., e *Fenícias* deve ter sido produzida entre 407 e 406 a.C.

A maior parte das esfinges orientais é do sexo masculino, mas algumas das siro-mesopotâmicas, anatólicas e do continente grego são aladas e do sexo feminino (NYS, 2018, v. 1, p. 75-6). Depois do Período Micênico, imagens de esfinges desapareceram da Grécia e só reapareceram no Geométrico Recente, entre 735 e 700 a.C., já com cabeça e pescoço de mulher, corpo de leão e asas de pássaro<sup>11</sup>. Tema iconográfico frequente e inespecífico de frisos de animais dos vasos protocoríntios, coríntios e protoáticos, assim como de esculturas e objetos de marfim e metal dos séculos VII e VI a.C., a esfinge já era mais do que simples imagem por volta de 700 a.C., quando Hesíodo (*Teogonia* 326) qualificou-a de ὀλοός, ‘mortífera’ e Καδμείοισιν ὄλεθρος, ‘ruína dos Cadmeus’<sup>12</sup>. Hesíodo não descreveu o monstro, mas certamente a mortífera ferocidade e o vínculo com Tebas estavam já bem definidos quando compôs seus poemas.



Fig. 1. A esfinge sobre uma coluna, diante de dignatários sentados. Cena de lécito de figuras negras do Pintor de Emporion, c. 500 a.C. Baltimore inv. 48.238. Licença: domínio público. Fonte: Walters Art Museum.

A participação da esfinge nos mitos gregos se resume às investidas contra jovens tebanos e à disputa com Édipo. O arrebatamento dos jovens talvez independa do encontro entre os dois e remonte a mitos orientais, como sugerem documentos iconográficos do Egito e da Siro-Mesopotâmia, que mostram

<sup>11</sup> Para figuras de esfinges durante o Período Geométrico, ver Carter (1972, p. 45-8) e Boardman (1998, p. 69 e fig. 120.2).

<sup>12</sup> Na genealogia do monstro, Hesíodo (*Teogonia* 289-332) dá certeza quanto ao pai (Orto) e ao irmão (leão de Nemeia), mas não esclarece se a mãe é Equidna ou Quimera. Ver Zanon (2018, p. 161-4).

esfinges sobre corpos humanos caídos desde o II milênio a.C.<sup>13</sup>. Na Grécia, o tema está presente na decoração de vasos do Período Arcaico em diante, que têm a esfinge e suas presas, usualmente figuras masculinas imberbes que ela agarrou e leva em suas garras, tal qual ave predadora<sup>14</sup>. A princípio, o mito consistia provavelmente nos ataques aos jovens, que ela carregava sem apresentar nenhum enigma e sem devorá-los de imediato (GANTZ, 1993, p. 495-6). Delcourt (1944, p. 120) defendeu que esse encontro tem conotações eróticas, interpretação aceita por alguns eruditos, porém vivamente contestada por outros<sup>15</sup>. Não sabemos, de qualquer modo, como os tebanos teriam se livrado do problema nessa primitiva versão do mito. Cenas de vasos do final do Período Arcaico exibem dignatários diante da esfinge (e.g. Fig. 1, supra)<sup>16</sup>, sem agressividade aparente, sugerindo que os tebanos tentaram resolver o enigma e talvez até parlamentar, já que lidavam com um monstro dotado de fala. Na versão canônica, os ataques da esfinge continuaram até Édipo sobrepujá-la, respondendo corretamente à questão proposta<sup>17</sup>. Tanto o enigma quanto a intervenção de Édipo podem ser contribuições gregas ao núcleo original do mito, embora elementos tais como o parricídio, o casamento com a própria mãe e a resolução de um enigma “para obter a mão da princesa” existam também no folclore de outras culturas, algumas delas não indo-europeias (FRAZER, 1921, v. 2, p. 370-76; DAVIES, 1989, p. 19; EDMUNDS, 2006, p. 19-20; KATZ, 2006, p. 8, n. 13; WEST, 2007, p. 363-70; PENNISI, 2016-17).

A história da família de Édipo era conhecida dos poetas da *Ilíada* (4.376-7; 6.222-3; 10.285-6; 23.679-80), da *Odisseia* (11.271-80), de Hesíodo (*Trabalhos e Dias* 161-165), dos poetas líricos (Estesícoro F 222A; Íbico F 282B.iii; Simônides F 557; Píndaro, *Olímpicas* 2.35-45 e 6.15-6, e *Nemeias* 9.18-20), do poeta do *Catálogo das Mulheres* (F 135-6 Most), de Estasino (*Cantos Cíprios*, arg. 4) e de Ferécides (F 94-5), que mencionam brevemente certas partes do mito. Três épicos arcaicos, posteriores a Hesíodo e anteriores aos tragediógrafos, contavam em detalhe da história mítica de Tebas e, naturalmente, da família de Édipo: *Edipodeia*, *Tebaida* e *Epígonos*. A *Edipodeia*, atribuída a Cíneton da Lacedemônia (F 1-3), tratava da história de Édipo; a *Tebaida*, de um desconhecido poeta de Mileto (F 1-11), da

<sup>13</sup> Ver os catálogos de Nys (2018, parte 2) sob os números Nr. Eg. 6, 18, 20, 22, 42, 64 e Nr. Mes. 47, 68, 50 e 84.

<sup>14</sup> Siracusa 25418 (c. 570-560 a.C.) é o exemplar mais antigo; ver também Atenas 397 e 1607, Paris CA 111 e Malibu 85.AE.377 (imagem disponível em <https://grecoantiga.org/img.asp?num=1472>). O mais conhecido decorador de vasos que recorreu ao tema é o Pintor de Hemon, ativo durante a primeira metade do século V a.C., época da participação de Ésquilo nos concursos trágicos: ver Grillo (2012, p. 7).

<sup>15</sup> Para um panorama atual da questão, ver Serra (2005, p. 562-7).

<sup>16</sup> A mais antiga cena com esse tema está em uma ânfora pseudocalcídiana de figuras negras, datada de 540-530 a.C. (Stuttgart Arch 65/15). Imagem disponível em Gerleigner (2016, p. 14) e em <https://bawue.museum-digital.de/index.php?t=objekt&oges=4609>.

<sup>17</sup> O F 3 da *Edipodeia* afirma, alternativamente, que a esfinge era χρησμολόγος δύσγνωστα, ‘enunciadora de oráculos difíceis de entender’.

fracassada expedição dos sete heróis contra Tebas; *Epígonos*, de Antímaco de Teos (F 1-5), da conquista de Tebas pelos filhos dos sete heróis. Infelizmente, restam apenas testemunhos e fragmentos que pouco acrescentam às citações dos autores mais antigos (o argumento da *Edípodeia* é questão à parte, abordada adiante). Quanto a Édipo e à esfinge, os testemunhos escritos e iconográficos anteriores a Ésquilo são escassos, parciais e só fazem sentido quando cotejados com fontes posteriores. Vimos que na época de Hesíodo a esfinge já era considerada a ‘ruína dos tebanos’ (*Teogonia*, 326, supra), mas não há menção ao seu encontro com Édipo antes de Píndaro, contemporâneo de Ésquilo: no fragmento 177d, de data incerta, o poeta aludiu ao αἴνιγμα παρθένου ἔξ ἀγριᾶν γνάθων, ‘enigma das selvagens mandíbulas da donzela’ e no verso 263 da *Pítica* 4, de 462 a.C., à ‘sabedoria’ (σοφία) de Édipo. Os acontecimentos posteriores à vitória do herói estão, por outro lado, documentados desde a *Odisseia* (11.271-80), que relata o casamento de Édipo com a própria mãe. Séculos depois, Ferécides (F 95) confirma que ‘Οἰδίποδι (...) Κρέων δίδωσι τὴν βασιλείαν καὶ τὴν γυναῖκα Λαΐου, μητέρα δ’ αὐτοῦ Ἰοκάστην, ‘a Édipo, Creonte deu o reino e Jocasta, esposa de Laio e mãe dele’. Na arte, o embate entre a esfinge e Édipo pode estar presente em dois vasos do século VI a.C., Londres 1888,0208.101<sup>18</sup> e Stuttgart Arch 65/15<sup>19</sup>, e o enigma, nos fragmentos de uma hídria de figuras negras de 520-510 a.C. (Basel HC 855)<sup>20</sup>. Nesse último, a esfinge fala a um grupo de tebanos de cima de uma coluna e Moret (1984, p. 40) detectou, entre palavras sem sentido, τετράπων, ‘quatro pés’, e a expressão καὶ τρ[, ‘também tr[ês’, semelhante à gravada no cálice Vaticano 16541, de 470-460 a.C. (Fig. 3, infra). Esse vaso contém a mais antiga e indiscutível representação conjunta do enigma, de Édipo e da esfinge. A mais antiga evidência escrita dos ataques aos tebanos está na tragédia *Sete contra Tebas* (539-43):

τὸ γὰρ πόλεως ὄνειδος ἐν χαλκηλάτῳ  
 σάκει, κυκλωτῶ σώματος προβλήματι, 540  
 Σφίγγ’ ὠμόσιτον προσμεμηχανημένην  
 γόμφους, ἐνώμα, λαμπρὸν ἔκκρουστον δέμας.  
 φέρει δ’ ὑφ’ αὐτῇ φῶτα, Καδμείων ἕνα,

A desgraça da pólis no escudo forjado  
 de bronze, arredondada proteção do corpo, 540  
 Esfinge devoradora de carne crua, ele fixou  
 com cavilhas. A esplêndida figura moldada  
 traz sob ela um homem cadmeu.

<sup>18</sup> Ânfora clazomeniana fragmentária de figuras negras do Grupo Urla, 540-530 a.C. Imagem disponível em [https://www.britishmuseum.org/collection/object/G\\_1888-0208-101](https://www.britishmuseum.org/collection/object/G_1888-0208-101).

<sup>19</sup> Ver nota 14, supra.

<sup>20</sup> Ver imagens e descrição detalhada em Gerleigner (2016, p. 11-22).

A vitória de Édipo aparece pouco depois, em um canto coral (775-7):

ὄσον τότε Οἰδίπουν τίον, 775  
τὰν ἀρπαξάνδραν  
κῆρ' ἀφελόντα χώρας;

como na época honravam Édipo, 775  
que Morte<sup>21</sup>, arrebatadora  
de homens, ele afastou desta terra?

É provável que alguns elementos do mito, utilizados por Sófocles, Eurípidas e tragediógrafos posteriores, tenham sido desenvolvidos ou até mesmo estabelecidos por Ésquilo em *Esfinge*, mas até o momento ignoramos a real contribuição do drama satírico ao enredo de dramas posteriores à tetralogia.

Quanto aos detalhes fornecidos pelo argumento da *Edipodeia*, poema datado atualmente da primeira metade do século V a.C. (CINGANO 2014, p. 214-5), ignoramos se antecedem Ésquilo ou não. Cineton (*Edipodeia arg.* e F 3) conta que a esfinge τὴν οὐρὰν ἔκουσα δρακαίνης, ‘tinha cauda de serpente’<sup>22</sup>, veio da longínqua Etiópia<sup>23</sup> a mando de Hera, deusa protetora dos casamentos legítimos, para punir os tebanos em virtude de Laio não ter sido castigado pela sedução de Crisipo, filho de Pélops<sup>24</sup>. Jovens tebanos como Hemon, filho de Creonte, irmão de Jocasta, e Hípio, um estrangeiro, foram devorados antes de Édipo ‘resolver o enigma’ (λύσας τὸ αἴνιγμα) e, logo depois, desposar a mãe. A fonte do *argumentum* e do F 3 é o escoliasta de Eurípidas, *Fenícias* 1760, que atribui suas informações ao elusivo “Pisandro”; não há, porém, evidências de que elas vieram especificamente da *Edipodeia* (cf. BERNABÉ, 1996, p. 17; LLOYD-JONES, 2002; MASTRONARDE, 2004, p. 31-2) ou que antecedem Ésquilo.

Há uma variante mítica da disputa entre Édipo e a esfinge que devemos situar ao menos meio século depois da tetralogia de Ésquilo. Passagens de Eurípidas (*Fenícias* 1507) e de Corina (F 672)<sup>25</sup>, além de imagens de um lécito do

<sup>21</sup> Ésquilo equiparou a Esfinge a Κῆρ, ‘Quere’, antiga divindade associada a mortes violentas em batalha.

<sup>22</sup> Elemento iconográfico incomum nas imagens gregas conhecidas. Essa raríssima variante, que parece ter origem anatólica, remonta ao II milênio a.C. Há apenas dois exemplos conhecidos nos territórios gregos: ver Nys (2018, v. 2, St.M. Nr. An. 5, 14 e Nr. Aeg. 25 e 72).

<sup>23</sup> “Etiópia”, para os gregos antigos, eram territórios habitados nos limites do mundo conhecido, ao sul e, talvez, também a leste do Egito.

<sup>24</sup> Tema da tragédia *Crisipo*, de Eurípidas (F 838a-44).

<sup>25</sup> Eurípidas conta que Édipo Σφιγγὸς αἰδοῦ σῶμα φονεύσας, ‘matou o corpo da esfinge cantora’. O escoliasta de Eurípidas, *Fenícias* 26 informa que, segundo Corina, Édipo matou a própria mãe, a esfinge e a raposa de Teumessos. Sabe-se há tempos que Corina não foi contemporânea de Píndaro e que viveu no século III a.C.

Pintor de Meidias<sup>26</sup> e de outras obras de arte mais tardias, destacam que Édipo enfrentou fisicamente a esfinge e a matou, certamente em tradicional embate herói versus monstro. Bethe (1891, p. 20) e Robert (1915, p. 49-50) argumentaram que essa versão do mito é mais antiga que a do enigma, tese não confirmada até o momento pelas fontes escritas e iconográficas<sup>27</sup>. Há estudiosos (e.g. BERNABÉ, 1979, p. 43) que ainda aceitam a precedência cronológica dessa variante, mas a maioria discorda (LUCAS DE DIOS, 2008, p. 281 e nota 2112).

## 2. Texto grego<sup>28</sup> e cenas de vasos

### ΣΦΙΓΞ

**ΥΠΟΘΕΣΙΣ.** ἐδιδάχθη ἐπὶ Θεαγενίδου ὀλυμπιάδι οἴῃ. ἐνίκᾳ Αἰσχύλος Λαίῳ Οἰδίποδι Ἑπτὰ ἐπὶ Θήβας Σφιγγὶ σατυρικῇ.

### ΤΟ ΤΗΣ ΣΦΙΓΓΟΣ ΑΙΝΙΓΜΑ

ἔστι δίπουν ἐπὶ γῆς καὶ τετράπον, οὗ μία φωνή,  
καὶ τρίπον, ἀλλάσσει δὲ φυὴν μόνον, ὅσσο' ἐπὶ γαῖαν  
ἔρπετὰ κινεῖται καὶ ἀν' αἰθέρα καὶ κατὰ πόντον·  
ἀλλ' ὅπότεν πλείστοισιν ἐρειδόμενον ποσὶ βαίνῃ,  
ἔνθα μένος γυίοισιν ἀφαιρότατον πέλει αὐτοῦ. 5

#### F 235

τῶ δὲ ξένῳ γε στέφανον, ἀρχαῖον στέφος,  
δεσμῶν ἄριστον ἐκ Προμηθέως λόγου

#### F 236

Σφίγγα δυσμεριᾶν πρύτανιν κύνα

#### F 237

κνοῦς (= ὁ τῶν ποδῶν ψόφος)

#### F \*282

κυρεῖν παρασχῶν ἰταμαῖς κυσὶν  
ἀεροφοίτοις,

#### F \*\*451m 35

.δᾱ[ ]ε χνόαι π.[  
]ωνδι.[

...

<sup>26</sup> Londres 1887,0801.46, lécito ático de figuras vermelhas, c. 420-410 a.C. Imagem disponível em <https://www.britishmuseum.org/collection/object/G1887-0801-46>.

<sup>27</sup> Ver discussão em Serra (2012, p. 102-3).

<sup>28</sup> Edições: TrGF 3 (p. 50-51, 341-3; 384; 476; 484-5), a mais completa, adotada aqui; às edições de Germar e Krumeich (1999, p. 189-96) e de Sommerstein (2008, p. 238-43 e 290) faltam a hipótese e todos os fragmentos incertos. Para o enigma, recorri a West (2003, p. 40).



F \*\*451s 10

- ...
- (a) δι]ασπαραχ[θείς ο]ύκ ἄτερθ[  
σπ]αρακτόν ἔσ[ται] δεῖπνον [  
..]αρθenoιτ[. .].ετουμα[  
. .]νη ποσιν τε πᾶσανεξεθ[ 4  
. .]ηκτο[.]αντρω[  
. .]ι μελαμ.[  
..]τηριον. .[  
εδα.[ 8  
].[  
\*\*\*
- (b) ].ην· δ[  
]διομένα·  
].  
δύ]σφορον αι 4
- (c) θε[ ca. 8 ll. ].τον



Fig. 2. “Calpe” ático de figuras vermelhas atribuído ao Pintor de Leningrado, 465-460 a.C. Tóquio, Coleção Fujita / Würzburg, Museu Martin von Wagner inv. ZA 20. Licença: CC BY-SA 4.0. Foto: “ArchaiOptix”, 16/10/2015. Fonte: Wikimedia Commons.

Würzburg Z20

Fig. 2. À esquerda, atrás de uma árvore e sobre uma pedra, a esfinge fala.

Diante dela, cinco sátiros idênticos, cabelos e barba brancos, estão sentados em cadeiras de encosto alto (κλισμοί). Ricamente trajados, têm na cabeça um diadema e, na mão direita, um cetro.

### Vaticano 16541

**Fig. 3.** No centro, vê-se a esfinge sobre um pedestal semelhante a uma coluna jônica; à esquerda, sentado e tranquilo, em trajes de viajante, Édipo (ΟΙΔΙΠΟΔΕΣ) ouve atentamente a esfinge. Inscritas retrogradamente e em maiúsculas, palavras saem de sua boca em direção a Édipo: [Κ]ΑΙ ΤΡΙ[ΠΟΥΝ] = καὶ τρίπουν –, as duas primeiras palavras do verso 2 do enigma. Na face externa há duas cenas com sátiros dançando, bebendo e em outras atividades.



Fig. 3. Desenho do interior de taça ática de figuras vermelhas do Pintor de Édipo, c. 470-460 a.C. Vaticano, Museus do Vaticano inv. 16541. Licença: domínio público. Fonte: Gardner (1905, p. 201).

### 3. Tradução e reconstrução conjetural

#### ESFINGE, DE ÉSQUILO

**Argumento.** No arcontado de Teagenides, primeiro ano da 78ª Olimpíada, Ésquilo venceu com Laio, Édipo, Sete contra Tebas (e) Esfinge, drama satírico.

**Cenário.** Um rochedo, ao lado de uma árvore; cadeiras de espaldar alto diante do rochedo. A cena se passa nos arredores de Tebas.

**Personagens do drama.** *A esfinge, coro de sátiros idosos, Édipo, emissários tebanos (um porta-voz e figurantes, provavelmente). Sileno?*

*Prólogo / Párodo*

*Entra o coro de sátiros. Eles têm cabelos brancos, estão ricamente vestidos, portam longos cetros e descrevem a corrente aflição dos tebanos, i.e. a morte dos jovens incapazes de resolver o enigma da esfinge.*

**F \*\*451s 10**

	...	
(a)	... retalhado e não sem ... ... despedaçado será o alimento ...	
	...	
	... com os pés ... e toda[ ...] <sup>29</sup>	4
	...	
	... negr[ ... ... ]tério ...	
	...	8
	...	
	***	
(b)	... ... afugentando-a ...	
	...	
	... difícil de suportar as ...	4
(c)	...	

*Os tebanos haviam mandado uma delegação para parlamentar com a esfinge, mas seus membros tiveram medo e voltaram, abandonando as vestes cerimoniais e outros apetrechos. Os sátiros se apropriaram de tudo e anunciam que vão procurar a esfinge, resolver o enigma e receber a recompensa prometida por Creonte, o regente tebano.*

**F 236**

*Esfinge, cadela prítane dos dias de infortúnio*

*Episódios e estásimos*

*Os sátiros se apresentam à esfinge e tentam resolver o enigma cantado por ela:*

<sup>29</sup> Outra tradução possível: “e [toda] a bebida” (LUCAS DE DIOS, 2008, p. 770, n. 60).

### O enigma da esfinge

Há um bípede sobre a terra, também quadrúpede, de voz única,  
também com três patas; só ele muda de forma, dentre os animais  
que vivem sobre a terra, acima, no céu e abaixo, no mar.  
Quando, porém, se firma e anda com o maior número de pés,  
a força de suas pernas se torna muito menor. 5

*Os sátiros certamente falham e a esfinge se prepara para a refeição.*

#### F \*282

oferecendo-se para encontrar as ávidas cadelas  
que vagueiam pelo ar,

*Apavorados, eles tentam dissuadir a esfinge e estão a ponto de serem devorados, quando se ouve o som de passos.*

#### F 237

o ruído de passos

#### F \*\*451m 35

... os ruídos de p[ ...

128

*Édipo entra em cena e convence a esfinge e lhe propõe o enigma antes de devorar os sátiros. Ele o decifra, para alívio dos sátiros, e o monstro sai de cena.*

#### Êxodo

*O vencedor da esfinge, chamado de “estrangeiro” pelos sátiros, em seu papel de dignatários de Tebas, é saudado por eles e pelo porta-voz dos emissários tebanos.*

#### F 235

para o estrangeiro, uma coroa, antiga grinalda (honraria?),  
o melhor dos diademas, na opinião de Prometeu

*Édipo e os emissários se retiram (ou não); os sátiros celebram a derrota do monstro e sua libertação.*

## 4. Comentários<sup>30</sup>

### 4.1. Título, argumento e cenário

**Título.** O título Σφίγξ é informado pelo catálogo de tragédias de Ésquilo<sup>31</sup> e pelas didascálias do concurso de tragédias de 467 a.C.<sup>32</sup>.

**Argumento.** Se *Esfinge* chegou a ser editado pelos eruditos alexandrinos, ao texto pode ter sido aposto breve argumento (lat. *argumentum*, gr. ὑπόθεσις) com resumo da ação dramática e seu local, título dos dramas da tetralogia, ano da produção, premiação e lista de personagens, assim como se vê nos manuscritos de muitas tragédias e do drama satírico *Ciclope*, de Eurípides. Temos, no entanto, apenas a didascália do concurso ('no arcontado de Teagenides ... *Esfinge* ... satírico'), que cita o título, sua natureza satírica e o ano de 467 a.C. Como o prêmio do concurso era concedido ao conjunto de dramas, sem dúvida *Esfinge* foi parcialmente responsável pela vitória de Ésquilo.

A despeito das escassas informações, os dados do argumento e a suposta lista de personagens (4.2, infra) permitem algumas conjecturas. O tema básico dos dramas satíricos conhecidos recai fundamentalmente em três possibilidades (RIBEIRO JR., 2015, p. 168-9): (i) os sátiros, dominados por um ogro opressor<sup>33</sup>, são libertados por um herói errante, e.g. *Ciclope* (Κύκλωψ), de Eurípides; (ii) os sátiros recebem tarefa contrária à sua natureza e a executam de forma canhestra, e.g. *Rastejadores* (Ιχθυεῦται), de Sófocles; (iii) os sátiros se comportam conforme sua natureza rústica, calcada nos impulsos mais primitivos, e.g. *Pescadores de Rede* (Δικτυοῦλκοί), de Ésquilo. A presença do cruel ogro (a esfinge) e do herói errante (Édipo) certamente aponta para o primeiro tipo de enredo. Espera-se, portanto, que o drama satírico presente, em cena, os sátiros sob o domínio da esfinge, suas desventuras e a heroica intervenção de Édipo.

A reconstrução conjectural proposta por Simon (1981, p. 25-34), baseada primariamente nas cenas do Pintor de Leningrado (Würzburg Z20, Fig. 2), do Pintor de Édipo (Vaticano 16541, Fig. 3) e em elementos do mito dos labdácidas, é atualmente a mais aceita pelos helenistas<sup>34</sup>. De acordo com Simon, a perigosa

---

<sup>30</sup> Principais estudos e traduções comentadas do drama satírico: SIMON (1981), GERMAR e KRUMEICH (1999), TIVERIOS (2000), LUCAS DE DIOS (2008, p. 381-3), SOMMERSTEIN (2008, p. 238-43).

<sup>31</sup> Principais fontes: manuscritos Mediceus (Laurentianus 32.9), folio 189 (= 85<sup>recto</sup>), do século X; Venetus Marcianus gr. 468, folio 78<sup>recto</sup>, do final do século XIII. O primeiro está na Biblioteca Laurenciana (Florença) e o segundo, na Biblioteca de São Marcos (Veneza). O título *Esfinge* se encontra na linha 16, coluna b da lista.

<sup>32</sup> Conservadas pelo Mediceus e, antes dele, pelo fragmento 2 do POxy 2256, datado aproximadamente de 200 d.C. Ver TrGF 3 T58a-b (p. 50-51) e Tsantsanoglou (2016, p. 13-4).

<sup>33</sup> Para a caracterização do ogro satírico e sua influência nos contos de fadas, ver Ribeiro Jr. (2020, p. 294-5).

<sup>34</sup> A reconstituição sugerida por Robert (1915, p. 259-61), associada a uma fábula de Esopo (36 Perry)

esfinge e a morte de Hemon levaram o regente de Tebas, Creonte, a estabelecer magnífica recompensa a quem livrasse Tebas do monstro: a mão de sua irmã viúva, Jocasta, e o trono. Tentados, os sátiros vestem as roupas dos dignatários tebanos, abandonadas em sinal de luto pela morte de Hemon, e procuram a esfinge, representada por um ator disfarçado que entra em cena por meio da *krádē*<sup>35</sup>. A esfinge apresenta o enigma, que são incapazes de deslindar, e a situação se torna crítica, mas os desesperados sátiros são salvos, provavelmente no último momento, pela chegada de Édipo. O herói decifra a charada e afasta o monstro.

Sommerstein (2010, p. 90) sugeriu que, sem recorrer à *krádē*, a esfinge surge do solo, como o espectro de Dario na tragédia *Persas*, de Ésquilo; Tiverios (2000, p. 480) acredita que ela era um boneco de argila que, no devido momento, seria empurrado e cairia no palco. A meu ver, a aparição subterrânea, a *krádē* e o boneco são desnecessariamente elaborados, em termos de encenação: o ator disfarçado de monstro poderia simplesmente sair de trás do arbusto ou da rocha e, posteriormente, voltar a se esconder. Note-se que o Pintor de Leningrado pintou a esfinge atrás de uma árvore ou arbusto que ela afasta com a pata (Fig. 2). Para Sommerstein (2008, p. 239, n. 1), o tronco e as pernas revelam que se trata de um ator com fantasia de leão.

**Cenário.** Simon (1981, p. 31) localizou a ação dramática na Cadmeia, situada na acrópole de Tebas, mas não considero o local muito provável. Os dramas satíricos usualmente se passam em lugares selvagens (cf. Vitrúvio 5.6.9), inóspitos e distantes, daí minha opção por “arredores de Tebas”.

## 4.2. Personagens do drama

Muitos argumentos são seguidos de uma lista de personagens do drama (lat. *dramatis personae*, gr. τὰ τοῦ δράματος πρόσωπα), criada na Antiguidade ou no Período Bizantino, mas *Esfinge* não dispõe de uma. A presença do coro de sátiros idosos é assegurada pela natureza satírica do drama e pela cena do Pintor de Leningrado (Fig. 2), paródia das numerosas cenas de vasos com dignatários tebanos tentando parlamentar com a esfinge (e.g. Fig. 1, supra); a da esfinge, pelo título do drama e pela cena; a de Édipo, pelo F 235. Os emissários tebanos podem ter sido representados por simples figurantes (SOMMERSTEIN, 2010, p. 89-90) e é provável que apenas um deles dialogasse. A esfinge, o coro e Édipo certamente interagem no palco, portanto são necessários dois atores; se os emissários tebanos tinham efetivamente um porta-voz, um dos atores desempenhou o papel de esfinge e de porta-voz, e o segundo ator, o de Édipo. É improvável que um dos

e a uma cena de vaso (Nápoles H 2846, 350-325 a.C.), foi praticamente abandonada. Ver Ussher (1977, p. 294-5) e Germar & Krumeich (1999, p. 194).

<sup>35</sup> A *krádē*, em comédias e dramas satíricos, corresponde à *mēkhané* das tragédias. Ver Ribeiro Jr. (2018, p. 127-8) e referências.

membros do coro estivesse caracterizado de Sileno para participar dos diálogos<sup>36</sup> como um terceiro ator, ocorrência não documentada antes da *Oresteia* (458 a.C.). A cena de Würzburg Z20 sugere que todos os sátiros tinham as mesmas características, e certamente um deles – não necessariamente Sileno – representou o coro nos diálogos com os demais atores (idem, p. 94, n. 19).

### 4.3. Prólogo / párodo

O drama satírico tinha, essencialmente, a mesma estrutura formal da tragédia: prólogo, párodo, episódios e estásimos alternados, êxodo (cf. *Ciclope*, de Eurípides). Note-se que não é essencial *Esfinge* começar pelo prólogo, uma vez que há tragédias de Ésquilo nas quais o drama começa com a entrada direta do Coro no palco, especificamente *Persas* e *Suplicantes*, duas das mais antigas.

F \*\*451s 10. POxy. 2256 fr. 10, século II-III. A impressão geral do enunciado desse fragmento de atribuição incerta é a de uma história contada ou de uma situação descrita. Os termos “despedaçado”, “alimento”, “com os pés”, “afugentando-a” e “difícil de suportar” sem dúvida se enquadram em narrativas sobre o mito de Édipo, mas a precariedade do texto não permite que se tenha certeza. Se o fragmento pertence efetivamente a *Esfinge*, possibilidade defendida por Lobel (1952), ele fica melhor no prólogo ou no párodo, onde a narrativa preliminar sobre os detalhes do mito abordado é cabível. Outras atribuições: a tragédia *Fineu* (Andresen); o drama satírico *Circe* (Adrados); o drama de natureza ainda controvertida sobre Dike, a Justiça (Mette; Wessels)<sup>37</sup>, todos de Ésquilo.

F 236. Aristófanes, *Rãs* 1287. De acordo com um escoliasta ( $\Sigma^{\text{RE}}$  Aristófanes, *Rãs* 1287), a passagem ἐκ Σφιγγὸς Αἰσχύλου, é ‘de *Esfinge*, de Ésquilo’. O verso é um tetrâmetro dactílico, enunciado por “Eurípides” durante o agon entre “Eurípides” e “Ésquilo”, e se Aristófanes fez uma citação ao pé da letra, deve ser atribuído a um canto coral. Segundo Sommerstein (2008, p. 243), o local mais plausível para situá-lo seria em uma canção de natureza retrospectiva, cantada após a destruição do monstro, mas não vejo por que o verso não poderia ser parte do párodo, uma vez que a esfinge é qualificada de forma inespecífica e, nessa passagem, não há nenhuma marca que permita situá-la antes ou depois de algum evento dramático. Naturalmente não é possível afastar a possibilidade de ela ser parte dos estásimos ou de um curto canto apresentado durante os episódios.

**πρύτανι** Πρύτανις, ‘prítane’, refere-se aos cidadãos designados por sorteio e encarregados, em sistema de rotatividade e durante um certo período de tempo, de representar a pólis e dirigir seus assuntos; espécie de “presidentes”<sup>38</sup>.

<sup>36</sup> Cf. *Ciclope*, de Eurípides; *Rastejadores*, de Sófocles; *Puxadores de Redes*, de Ésquilo.

<sup>37</sup> Ver referências em TrGF 3 (p. 485 *ad loc.*).

<sup>38</sup> A prítania mais bem conhecida é a de Atenas. A instituição também existia, talvez com deveres

κύνα Cf. Sófocles, *Édipo Rei* 391<sup>39</sup>; CEG I 120-1; Hesíquio σ 1395. “A esfinge é chamada de cão porque agarrava sua presa” (SOMMERSTEIN, idem); “a esfinge era chamada de cão porque era a serva da divindade que a enviou” (LLOYD-JONES, 1994, p. 363). Finglass (2018, ad 391-2) acredita que a associação com o substantivo κύων alinha a esfinge a deidades ctônicas, como as Erínias, que também são chamadas de cadelas (cf. Sófocles, *Electra* 1388)<sup>40</sup>.

#### 4.4. Episódios e estásimos

Entre o prólogo e o párodo, etapas que colocam a audiência a par do mito relacionado com o drama, e o êxodo, etapa na qual a situação é resolvida, ocorrem os episódios declamados e os estásimos cantados. Segundo a reconstrução proposta, a tentativa de os sátiros resolverem o enigma, o perigo de serem devorados, a chegada do herói e sua intervenção devem ser situados aqui.

**O enigma.** Ateneu 10.456b<sup>41</sup>. Contexto: καὶ τὸ τῆς Σφιγγὸς δὲ αἴνιγμα Ἀσκληπιάδης ἐν τοῖς Τραγωδομένοις τοιοῦτον εἶναί φησιν <αἴνιγμα>, ‘Asclepiádes diz, nos *Temas dos poetas trágicos*, que o enigma da Esfinge é assim, <enigma>’. No F 540a do *Édipo* de Eurípides, posterior a 415 a.C., há uma versão hexamétrica do enigma em estado muito fragmentário<sup>42</sup>, porém algumas palavras significativas estão legíveis ou puderam ser razoavelmente reconstituídas: αἴνιγμ’, ‘enigma’; ἡ μαι[φόνος, ‘a mortífera’; ἑξά[μ]ετρ(α), ‘hexâmetros’; δί[πουν] τι τρίπο[συν], ‘dois pés e algo com três pés’; τρισὶ, ‘três’. O formato hexamétrico é compatível com a tradição de a esfinge apresentar seu enigma em versos, como lembrou Sófocles no *Édipo Rei* (391) ao se referir a ela como ἡ ῥαψωδὸς κύων, ‘a cadela rapsodo’, i.e., ‘recitadora de poemas épicos’. O enigma completo, tal qual o conhecemos, também está metrificado em hexâmetros datílicos e foi atribuído por Ateneu a Asclepiádes de Tragilo, que viveu no século IV a.C. Não é possível comparar essa versão com o fragmento de Eurípides e determinar se as duas seguem a mesma tradição ou vieram da mesma fonte, embora seja provável que a versão de Asclepiádes também tenha sido parte de uma tragédia, uma vez que sua obra versava a respeito dos relatos míticos de tragédias<sup>43</sup>. Lloyd-Jones (1978, p. 60-1)

diferentes, em Alexandria, Rodes, Mitilene e outras pólis do Egeu oriental e Ásia Menor durante os Períodos Clássico e Helenístico.

<sup>39</sup> Ver adiante, no comentário sobre o enigma da esfinge.

<sup>40</sup> Para as relações entre a esfinge e o mundo subterrâneo, ver também Ésquilo, *Sete contra Tebas* 776-7 (n. 21, supra); Eurípides, *Fenícias* 810-11; e referências bibliográficas em Finglass (2018, p. 295-6).

<sup>41</sup> Outras fontes: *Edipodeia* F 2 West; Asclepiádes de Tragilo FGrH 12 F 7a; *Antologia Palatina* 14.64; manuscritos das tragédias *Sete contra Tebas* (Ésquilo), *Édipo Rei* (Sófocles) e *Fenícias* (Eurípides); escoliasta de Eurípides, *Fenícias* 50; escoliasta de Licofron 7; Tzetes, *Sobre Licofron* 7. Há ligeiras diferenças entre elas: ver aparato crítico de West (2003, p. 40).

<sup>42</sup> POxy 2459, fr. 2, século IV. Ver Collard, 2004, p. 116-7.

<sup>43</sup> Da obra de Asclepiádes, originalmente em seis livros (FGrH 12), temos apenas fragmentos.



propôs que o enigma conservado por Ateneu era parte do *Édipo*, a segunda tragédia da tetralogia de Ésquilo; West (2003, p. 41, n. 1) colocou-o no F 2 da *Edipodeia*, argumentando que Asclepiades o copiou do poema épico; Gantz (1993, p. 496) defendeu, por sua vez, que o enigma fosse incorporado aos fragmentos de *Esfinge*, o que a meu ver é compatível com as reconstruções conjecturais que defendem a presença de Édipo, da esfinge e do enigma no drama satírico. A hipótese de Gantz certamente ganha força se considerarmos a inscrição da cena representada no cálice do Vaticano (καὶ τρίπουν, supra).

F \*282. Aristófanis, *Rãs* 1291-2. Versos líricos (monômetro jâmbico + tetrapodia dactílica) enunciados por “Eurípides” durante o agôn entre “Eurípides” e “Ésquilo” (LUCAS DE DIOS, 2008, p. 687, n. 28-9), pouco depois dos versos que compõem o F 236. O F \*282 é provavelmente parte de um canto coral e parece referir-se a um corpo que está ou estará exposto às aves de rapina. Em termos de atribuição, é o mais controvertido de todos e foi adscrito a *Esfinge* por Dindorf e por Fritzche (WECKLEIN, 1885, p. 608 *ad loc.*); outros estudiosos o associaram, no entanto, às tragédias esquilianas *Mêmnon* (Bergk), *Frígios* (Rogers), *Fineu* (Zarkas), *Argivos* ou *Argivas* (Hartung) e *Trácias* (Blass), e ao drama satírico *Proteu* (Walker)<sup>44</sup>. No caso de *Esfinge*, pode se tratar de uma menção às vítimas do monstro e ao futuro sombrio daqueles que não decifram o enigma.

F 237. Hesíquios, κ 3141. O fragmento é constituído de uma palavra isolada, κνοῦς, explicada pelo próprio contexto de sua ocorrência: <F 237> ὁ ἐκ τοῦ ἄξονος ἦχος. λέγεται δὲ καὶ κνοή. καὶ ὁ τῶν ποδῶν ψόφος, ὡς Αἰσχύλος Σφιγγί, “<F 237>”: ‘o rangido do eixo; também se diz κνοή; e o ruído dos passos, como em *Esfinge*, de Ésquilo’. Tiverios (2000, p. 482) associa κνοῦς ao ruído dos passos de Édipo, possivelmente característico e diferente dos demais por causa do problema nos pés (Sófocles, *Édipo Rei* 1029-37). Hourmouziades (1974, p. 183, n. 56) acredita que o som se refere à entrada da esfinge, o que considero improvável.

F \*\*451m 35. *POXY*. 2255 fr. 35, século II. Atribuído a *Esfinge* por Lobel (1952, p. 27), que argumentou ser fácil a confusão entre o plural de χνόη, leitura do papiro, e da variante κνοή do F 237<sup>45</sup>, e também por Mette (1959). O F 237 e o F \*\*451m 35 são, aparentemente versões diferentes da mesma passagem.

#### 4.5. Êxodo

F 235. Ateneu 15.674d. Contexto:

Αἰσχύλος δ’ ἐν τῷ Λυομένῳ Προμηθεὶ σαφῶς φησιν ὅτι ἐπὶ τιμῇ τοῦ Προμηθέως τὸν στέφανον περιτίθειεν τῇ κεφαλῇ, ἀντίποινα τοῦ

<sup>44</sup> Ver referências em TrGF 3, p. 384 *ad loc.*

<sup>45</sup> Cf. Calímaco F 384.5.

ἐκείνου δεσμοῦ, καίτοι ἐν τῇ ἐπιγραφομένῃ Σφιγγὶ εἰπῶν (F 235),

no seu *Prometeu Libertado*, Ésquilo disse claramente que colocamos a coroa em volta da cabeça em honra de Prometeu, como compensação pelo seu aprisionamento; e no (drama) intitulado *Esfinge* disse, ademais, “(F 235)”.

A coroa é um sinal de vitória e Édipo é o vencedor da esfinge por excelência; certamente é ele o estrangeiro mencionado no fragmento. Essa atribuição, que remonta a Droysen (1842, p. 477) e a Näke (1871, p. 208), é amplamente aceita atualmente (METTE, 1963, p. 37; GERMAR e KRUMEICH, 1999, p. 195-6; SIMON, 1981, p. 32; SOMMERSTEIN, 2008, p. 241; LUCAS DE DIOS, 2008, p. 610). A colocação de uma coroa em Édipo marca, em cena, o fim do problema representado pela esfinge e, conseqüentemente, o fragmento pertence à parte final do drama satírico. Baseado na presença das partículas δὲ e γε no verso 235.1, Sommerstein (2008, p. 241, n. 1; 2010, p. 90) sugeriu que o F 235 pode ter sido precedido por outra cômica proposta, introduzida pela partícula μὲν, possivelmente apresentada por Sileno: os sátiros receberiam Jocasta e o trono, recompensa prometida por Creonte, e Édipo ficaria com a coroa de vencedor...

O final do drama, segundo Lucas de Dios (2008, p. 383), celebra o salvamento dos sátiros pelo herói libertador.

#### 4.6. *Adespotum* F 3c

Esse “fragmento” sem texto, não utilizado na reconstrução conjectural, se refere a cenas de dois vasos atribuídos ao Pintor de Sommarvilla, Parma C100 e C101<sup>46</sup>. Adscrito tentativamente a um anônimo drama satírico sobre o deus Hélio, Kannich e Snell (TrGF 2, p. 9) aventaram também a remota possibilidade de os sátiros, a esfinge e uma figura masculina, talvez Édipo (Parma C100, lado B), refletirem uma das cenas de *Esfinge*. A atribuição decorre, pelo visto, da presença de personagens associados ao drama satírico, mas a interação das figuras não é nem dramática, nem convincente. A cena, em suma, nada acrescenta à reconstrução conjectural.

#### ABREVIATURAS

- \* Fragmento incerto de Ésquilo, atribuído a *Esfinge* por estudiosos modernos

<sup>46</sup> Imagens disponíveis no Beazley Archive Pottery Database, <https://www.beazley.ox.ac.uk/pottery/>, vasos nºs 9007471 e 9007475.

**	Fragmento incerto atribuído a Ésquilo por estudiosos modernos
Atenas	Atenas, Museu Arqueológico Nacional
Atenas Acr.	Atenas, Museu da Acrópole
Baltimore	Baltimore, Walters Art Museum
Basel	Basel, Coleção Herbert A. Cahn
CEG	HANSEN, Peter A. <b>Carmina Epigraphica Graeca Saeculorum VIII-V A. Chr. N.</b> Berlin: De Gruyter, 1983.
FGrH	JACOBY, Felix. <b>Fragmente der griechischen Historiker.</b> Berlin: Weidmann / Leiden: Brill, 1923-1999.
Londres	Londres, The British Museum
Malibu	Malibu, The J. Paul Getty Museum
Nápoles	Nápoles, Museo Archeologico Nazionale
Parma	Parma, Museo Archeologico Nazionale
Paris	Paris, Musée du Louvre
POxy.	Papiros de Oxirrinco, Egito, conservados em Oxford, Ashmoleum Museum
Siracusa	Siracusa, Museo Archeologico Regionale Paolo Orsi
Stuttgart	Stuttgart, Landesmuseum Württemberg
TrGF 2	KANNICH, Richard; SNELL, Bruno. <b>Tragicorum graecorum fragmenta</b> , v. 2: Fragmenta adespota. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2007.
TrGF 3	RADT, Stefan. <b>Tragicorum graecorum fragmenta</b> , v. 3: Aeschylus. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1985.

Vaticano Vaticano, Musei Vaticani

Würzburg Würzburg, Martin von Wagner Museum der Universität  
Würzburg

## REFERÊNCIAS

BERNABÉ Pajares, Alberto. **Fragmentos de épica griega arcaica**. Madrid: Gredos, 1979.

BERNABÉ, Albertus. **Poetarum Epicorum Graecorum testimonia et fragmenta**, Pars I. Stuttgart / Leipzig: Teubner, 1996.

BETHE, Erich. **Thebanische Heldenlieder**. Untersuchungen über die Epen des thebanisch-argivischen Sagenkreises. Leipzig: Hirzel, 1891.

BOARDMAN, John. **Early greek vase painting**. London: Thames and Hudson, 1998.

136

CARPENTER, Thomas H. **Art and myth in Ancient Greece**. London: Thames and Hudson, 1991.

CARTER, John. The Beginning of Narrative Art in the Greek Geometric Period. **The Annual of the British School at Athens**, Athens, v. 67, p. 25-58, 1972.

CHILDS, William A.P. The human animal: the Near East and Greece. In: PADGETT, J. Michael; \_\_\_\_\_; TSIAPHAKE, Despoina S. (ed), **The centaur's smile: the human animal in Early Greek art**. New Haven: Princeton University Art Museum, 2003. p. 49-70.

CINGANO, Ettore. Oedipodea. In: FANTUZZI, Marco; TSAGALIS, Christos (ed.), **The Greek Epic Cycle and its ancient reception**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 213-25.

COLLARD, Christopher. Oedipus. In: \_\_\_\_\_, CROPP, Martin J.; GIBERT, John. **Euripides. Selected Fragmentary Plays**, v. 2. Oxford: Oxbow Books, 2004. p. 105-32.

DAVIES, Malcolm. **The Greek Epic Cycle**. London: Bristol Classical Press, 1989.

DELCOURT, Marie. **Oedipe ou la légende du conquérant**. Liège: Bibliothèque de la Faculté de Philosophie et Lettres de l'Université de Liège, 1944.

DROYSEN, Johann Gustav. **Des Aischylos Werke**. Berlin: G. Bethge, 1842.

EDMUNDS, Lowell. **Oedipus**. London / New York: Routledge, 2006.

FRAZER, James G. **Apollodorus. The Library**, 2 vol. Cambridge MA / London: Harvard University Press, 1921.

FINGLASS, Patrick J. **Sophocles, Oedipus the king**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

GANTZ, Timothy. **Early greek myth**. Baltimore / London: The John Hopkins University Press, 1993.

GANTZ, Timothy. The Ayschilean tetralogy. *In*: LLOYD, Michael (ed.), **Oxford Readings in Aeschylus**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 40-70.

GARDNER, Percy. **A grammar of Greek art**. New York: MacMillan, 1905.

GERLEIGNER, Georg. Das Rätsel der Sphinx in Schwarz und Rot. *In*: WACHTER, R. (ed.), **Töpfer - Maler - Schreiber**: Inschriften auf attischen Vasen. Akten des Kolloquiums vom 20. bis 23. September 2012 an den Universitäten Lausanne und Basel, Akanthus Proceedings 4. Zurich: Achantus, 2016. p. 10-28.

GERMAR, Robert; KRUMEICH, Ralph. Aischylus: Sphinx. *In*: KRUMEICH, Ralph; PECHSTEIN, Nikolaus; SEIDENSTICKER, Bernd (ed.). **Das Griechische Satyrspiel**. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1999. p. 189-96.

GRILLO, José Geraldo C. Lécito na Maneira do Pintor de Hémon com Aquiles perseguindo Troilo. **Revista de História da Arte e Arqueologia**, Campinas, n. 17, p. 5-18, 2012.

HIRATA GARCIA, Filomena Y. O mito dos labdácidas na tragédia grega. *In*: BRANDÃO, Jacintho L. (org.), **O enigma em Édipo Rei e outros estudos de teatro antigo**. Anais do I Congresso Nacional de Estudos Clássicos, 1ª parte. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1984. p. 140-52.

HOURMOUZIADES, Nicolaos C. **Satyrika**. Athēna: Hetaireia Spoudoñ Scholēō

Mōraite, 1974.

HUTCHINSON, Gregory O. **Aeschylus. Septem contra Thebas**. Oxford: Oxford University Press, 1985.

KATZ, Joshua T. The Riddle of the Sp(h)ij-: The Greek Sphinx and her Indic and Indo-European background. *In*: PINAULT, Georges-Jean; PETIT, Daniel (ed.), **La langue poétique indo-européenne**: actes du Colloque de travail de la Société des Études Indo-Européennes (Indogermanische Gesellschaft / Society for Indo-European Studies), Paris, 22-24 octobre 2003. Leuven: Peeters, 2006. p. 157-94.

LLOYD-JONES, Hugh. Ten Notes on Aeschylus' Agamemnon. *In*: DAWE, Roger D.; DIGGLE, James; EASTERLING, Pat E. (ed.), **Dionysiaca: Nine studies in Greek poetry by former pupils presented to Sir Denys Page on his seventieth birthday**. Cambridge: The Editors, 1978. p. 45-61.

LLOYD-JONES, Hugh. **Sophocles Ajax, Electra, Oedipus Tyrannus**. Cambridge MA / London, Harvard University Press, 1994.

LLOYD-JONES, Hugh. Curses and divine anger in early Greek Epic: the Pisander Scholion. **Classical Quarterly**, Cambridge, v. 52, n. 1, p. 1-14, 2002.

138

LOBEL, Edgar. N<sup>os</sup> 2245-55. *In*: LOBEL, Edgar; WEGENER, Eefje P.; ROBERTS, Colin H. **The Oxyrhynchus Papyri**, part XX (N<sup>os</sup> 2245-2287). London: Egypt Exploration Society, 1952. p. 1-69.

LUCAS DE DIOS, José María. **Esquilo**. Fragmentos. Testimonios. Madrid: Gredos, 2008.

MASTRONARDE, Donald J. **Euripides: Phoenissae**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

METTE, Hans J. **Die fragmente der tragödien des Aischylos**. Berlin: Akademie-Verlag, 1959.

METTE, Hans J. **Der Verlorene Aischylos**. Berlin: Akademie-Verlag, 1963.

MORET, Jean-Marc. **Œdipe, la Sphinx et les Thébains**. Essai de Mythologie Iconographique. Rome: Bibliotheca Helvetica Romana, 1984.

NÄKE, August F. Ueber die thebanische Tetralogie des Aeschylus. **Rheinisches Museum für Philologie**, Cologne, v. 27, p. 193-214, 1872.

NYS, Nadine. **The sphinx unriddled**. The Sphinx and Related Composite Creatures: A Motif of Political-Religious Legitimation during the Dynamical Period of Cultural Changes Appearing in the Late Bronze (1600-1200 BC) and the Early Iron Age (1200-800 BC) in the Eastern Mediterranean, 2 v. Phd Thesis. Gent: Universiteit Gent, 2018.

PENNISI, Claudio. **Il mito di Edipo e la tradizione favolistica popolare**. Tesi di Laurea. Torino: Università degli Studi di Torino, 2016-2017.

RIBEIRO JR., Wilson A. Notas sobre os dramas satíricos fragmentários de Eurípides. In: SANTOS, Fernando B. e OLIVEIRA, Jane K. (org.), **Estudos Clássicos e seus desdobramentos**: artigos em homenagem à Professora Maria Celeste Consolin Dezotti. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2015. p. 165- 82.

RIBEIRO JR., Wilson A. A caracterização de Polifemo no Ciclope de Eurípides. **Codex – Revista de Estudos Clássicos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 281-300, 2020.

ROBERT, Carl. **Oidipus**. Geschichte eines poetischen Stoffs im griechischen Altertum, v. 1. Berlin: Weidmann, 1915.

SERRA, Ordep. À luz da tragédia: Édipo e o apotropaico. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 545-76, 2005.

SERRA, Ordep. A esfinge e seus mitos na iconografia grega. In: SERRA, Ordep. **Navegações da cabeça cortada**. Salvador: Edufba, 2012. p. 89-116.

SIMON, Erika. **Das Satyrspiel Sphinx des Aischylos**. Heidelberg: Carl Winter, 1981.

SOMMERSTEIN, Alan H. **Aeschylus fragments**. Cambridge MA / London: Harvard University Press, 2008.

SOMMERSTEIN, Alan H. **Aeschylean tragedy**, 2<sup>nd</sup> ed. London: Duckworth, 2010.

TIVERIOS, Michalis. The Satyr-play “Sphinx” of Aeschylus again. In: LINANT DE BELLEFONDS, Pascale (ed.). *Ἄγαθός δαίμων*, mythes et cultes.

Études d'iconographie en l'honneur de Lilly Kahil. **Bulletin de Correspondance Hellénique**, Athens, Suppl. 38, 2000. p. 477-87.

TSANTSANOGLOU, Kyriakos. Aeschylus' Laïos. **Logeion**, Patras, v. 6, p. 11-29, 2016.

TSANTSANOGLOU, Kyriakos. Paraleipomena to the reconstruction of Aeschylus' Laïos. **Logeion**, Patras, v. 8, p. 1-9, 2018.

USSHER, Robert G. The other Aeschylus: a study of the fragments of aeschylean satyr plays. **Phoenix**, Toronto, v. 31, n. 4, p. 287-99, 1977.

WECKLEIN, Nikolaus. **Aeschyli fabulae, cum lectionibus et scholiis codicis Medicei et in Agamemnonem codicis Florentini ab Hieronymo Vitelli denuo collatis**. V. 1. Berolini: Calvary, 1885.

WEST, Martin L. **Greek Epic Fragments from the Seventh to the Fifth Centuries BC**. Cambridge MA / London: Harvard University Press, 2003.

WEST, Martin L. **Indo-European Poetry and Myth**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

ZANON, Camila A. **Onde vivem os monstros: criaturas prodigiosas na poesia de Homero e Hesíodo**. São Paulo: Humanitas, 2018.

Data de envio: 16/04/2021

Data de aprovação: 18/05/2021

Data de publicação: 15/07/2021